



A escola é parte de um contexto histórico, temporal, espacial e social definido. Assim, a relação escola-sociedade tem que ser considerada a partir do seu papel e suas funções na sociedade. Neste sentido, as idéias e as práticas pedagógicas propostas pelo educador francês Freinet têm lugar e, sobretudo, significado no projeto político-pedagógico de cada escola.

Celestin Freinet (1896-1966) criou o movimento da escola moderna para criticar a escola tradicional, descontextualizada, autoritária e contrária ao descobrimento e ao prazer dos alunos. Apostou numa educação voltada ao trabalho coletivo e à liberdade de escolha, em que cooperação, solidariedade e respeito às diferenças são fundamentais

para o desenvolvimento de alunos e professores.

Um dos princípios que norteiam o movimento criado e defendido por Freinet é a livre expressão, segundo o qual crianças e jovens são considerados cidadãos com direitos, desejos, interesses e necessidades próprios. A livre expressão deve estar assegurada em todas as manifestações de alunos e professores. Ela é reflexo de uma atitude pedagógica que aponta a escola como lugar de produção, onde todos têm direito, vez e voz, além de terem respeitados seus diferentes ritmos, pensamentos, idéias e histórias de vida.

Se a fala e o pensamento são construídos nas interações que as pessoas estabelecem umas com as outras, pedir que nossos alunos ►

fiquem calados por todo o tempo é o mesmo que pedir-lhes que deixem de pensar. Mantê-los em mesas e carteiras sempre enfileiradas e distantes umas das outras limita o intercâmbio de idéias, a cooperação e as emoções – ingredientes básicos para a aprendizagem.

Pôr um aluno para trabalhar perto de outros requer observação criteriosa do professor. A intencionalidade do professor deve orientar a formação de parcerias produtivas, segundo os objetivos fixados e após observar os diferentes saberes que os alunos trazem consigo.

A relação democrática na sala de aula, o clima de confiança recíproca entre professor e alunos e a compreensão de que o erro é um caminho necessário para aprender precisam ser intencionalmente construídos para que a atividade se realize de forma significativa. Desta forma, a utilização de diferentes formas de correção rompe com a idéia de que a produção escolar do aluno serve somente para o professor corrigir, o que estabelece uma relação mecânica e sem significado com o conhecimento. ■

ATENÇÃO

“É o uso da língua na escola que evidencia mais claramente as diferenças entre grupos sociais e que gera discriminações e fracasso: o uso, pelos alunos provenientes de camadas populares, de variantes lingüísticas social e escolarmente estigmatizadas provoca preconceitos lingüísticos e leva a dificuldades de aprendizagem, já que a escola usa e quer ver usada a variante-padrão socialmente prestigiada.”

Magda Soares

O erro faz parte do processo de aprendizagem. Erramos por engano, desatenção ou por desconhecimento. Há ainda os que nem são propriamente erros. Muitos indicam um raciocínio elaborado e até mesmo avanços no processo de aprender.

O professor, junto ao aluno, deve se perguntar como é este erro e de onde provém. A partir da compreensão da forma de resolver que o aluno adota é possível identificar a origem do erro e reorientar o seu aluno, ou grupo de alunos, para o entendimento e ação para a aprendizagem.

O processo de intervenção pedagógica utilizado incidirá diretamente no resultado das aprendizagens dos alunos. Errar é humano, diz o dito popular e, principalmente na escola, o erro deve ser entendido como um novo ponto de partida para a aprendizagem.

Conforme o objetivo estabelecido pelo professor para a turma ou para um grupo, as atividades e exercícios propostos podem receber tratamentos diferenciados:

- **Correção individual feita pelo professor** — Neste tipo de correção o professor avalia o trabalho de cada aluno com o objetivo de conhecer o que ele consegue fazer sozinho, sondar a situação da turma em relação ao conceito trabalhado, propor novas atividades, apontar para o aluno as revisões necessárias e situá-lo em relação ao seu desempenho.
- **Correção coletiva feita pelo aluno com mediação do professor e dos colegas** — A correção coletiva tem como objetivo desenvolver no aluno a autonomia para a autocorreção orientada. Nesta correção o professor

trabalha com a idéia de que podem existir várias maneiras de resolver uma situação, de que não há, necessariamente, uma única resposta correta, e com a idéia de que a socialização das respostas do grupo poderá trazer contribuições para a resposta que cada um elaborou. É uma correção que merece bastante atenção do professor, pois não se trata apenas de conferir respostas, mas de capacitar o aluno a compará-las, verificando semelhanças e diferenças quanto ao conteúdo e a forma de apresentá-las.

- **Correção feita por duplas de alunos, com posterior revisão do professor**

— Esta forma de correção permite aos alunos uma troca efetiva em relação ao trabalho realizado. O professor pode orientar a correção oferecendo, por exemplo, um roteiro de análise, a partir do qual os alunos avaliam os próprios trabalhos e apontam o que deve ser revisto. Ao recolher as correções feitas por duplas, o professor analisa também a capacidade de autocorreção das duplas e as intervenções necessárias.

- **Correção por amostragem feita pelo professor**

— A amostragem é um recurso que o professor pode utilizar em algumas tarefas, diminuindo a sobrecarga de atividades a serem corrigidas. Assim, com uma classe, por exemplo, de 30 alunos, ele poderá analisar o aprendizado de um determinado conteúdo, corrigindo atividades de seis alunos por dia. Ao final de uma semana, terá dados de cada aluno, individualmente, e da classe como um todo. As atividades dos outros alunos poderão receber o tratamento da correção coletiva.

- **Correção feita por colegas monitores** — Quando o professor tiver como prática a monitoria de alunos, poderá recorrer a esta prática, desde que oriente e estabeleça com os alunos alguns parâmetros e procedimentos de correção.

- **Autocorreção** — para tarefas mais objetivas, o professor poderá propor que os alunos exercitem a autocorreção, procedimento de extrema importância no processo de aprendizagem do aluno. Poderá, para isto, elaborar um roteiro de análise e/ou um gabarito, para que o aluno tenha condições de refletir sobre suas respostas, identificar possíveis erros e tentar refazer o que for necessário.

As estratégias apontadas podem ser combinadas. Por exemplo, correção feita por monitores por amostragem, correção feita por uma dupla para toda a turma, coletivamente. Neste exemplo, enquanto isso, o professor pode ficar com um grupo menor, realizando, assim, um trabalho diversificado.



ATIVIDADE

Através da linguagem oral é possível comunicar idéias, pensamentos e intenções de diversas naturezas, influenciar o outro e estabelecer relações interpessoais.

Sabemos que falar e ouvir são fundamentais para o processo de pensar/aprender. Enquanto falamos, articulamos o nosso pensamento. É pela mediação da linguagem que construímos sentidos atribuídos pela cultura às coisas, ao mundo e às pessoas.

Mas não basta deixar os alunos falarem, é necessário que experiências orais representem situações comunicativas: entrevistas, debates, seminários, rodas de conversa, jogos etc. devem fazer parte do planejamento semanal de cada professor.



ATENÇÃO

A correção se destina fundamentalmente a permitir que o aluno possa refletir sobre a sua produção de conhecimento, recebendo atenção e orientação para reorganizar seus saberes. É nesse quadro, portanto, que se articulam escrita, correção e reescrita.

O aluno deve se habituar, desde cedo, a ser o revisor de seu texto escrito, reescrevendo o que estiver incorreto. As estratégias de correção devem estar de acordo com o grau de entendimento dos alunos.

Se os alunos não puderem arriscar, eles certamente não irão errar. Mas também pouco irão acertar.

Tanto a atividade de escrita do aluno quanto a atividade de correção do professor são sempre, nessa ordem, um exercício de leitura e de produção de texto, num diálogo que pressupõe ações cooperativas desses dois sujeitos.

Referências bibliográficas

- ROMANO, E. P. "Lição de casa. Que prática é esta?" Disponível em http://ecc.br/fundamental/fundamental1/licao_de_casa.htm. Acesso em janeiro de 2008.
- SOARES, M. *Linguagem, escola e classe social*. São Paulo, Ática, 1988.

MULTIRIO

Presidência
Regina de Assis

Diretoria de Mídia e Educação
Marcos Ozório

Núcleo de Publicações e Impressos
Maria Inês Delorme

Equipe de Produção

Cristina Campos (texto)
Cesar Garcia (copidesque e revisão)
David Macedo (diagramação e ilustração)
Vivian Ribeiro (produção gráfica)

Fotolitos e Impressão
Cidade América Artes Gráfica
Tiragem - 36.500 exemplares

Empresa Municipal de Multimeios Ltda.

Largo dos Leões, 15 - 9º andar
Humaitá - Rio de Janeiro - RJ
CEP 22260-210
ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br

RIO
PREFEITURA
EDUCAÇÃO MULTIRIO

Este exemplar é parte integrante da Revista NÓS DA ESCOLA, n. 56.